

LISBOA
29-FEVEREIRO-1920
ANO I-N.º 11

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO.

... e a vergonha é tanta que os mendigos chegam a alugar filhos alheios para melhor explorarem a caridade pública...

(Dos jornais).



— Então, tens feito alguma coisa.

— Deixa-me cá! Ando aqui há quinze dias com a família uadal

O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: RUA ANCHIETA, 31
IMPRESSÃO: RUA DA BICA, 71
NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANCHIETA, 31
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TELEFONE-C: REDACÇÃO 5104
ADMINISTRAÇÃO: 5103

QUE VERCONHA...

Aquela Avenida da Liberdade nos dias de carnaval metia pena e até dava vontade de nos vestirmos de preto!

Que de misérras e vergonhas!

E' então aquela gente que agora representa a classe eleita? São aquelas caras de patifes que hoje ditam a vida cidadina em Lisboa?

Estamos arranjados da vida!

Lá nos levou a curiosidade, o empenho de ver como se diverte a gente que faz as capitais, que dão vida e movimento a uma cidade, mas... valia mais que nunca tal lembrança nos acudisse!

Carroças porcas puxadas por cavalos esfomeados, e dentro outros cavalos de peor espécie, vomitando indecencias e fazendo alarde da sua baixa educação!

Trens desconjuntados onde umas tantas cocotes sem mais coisa do que o nome, atiravam com a sua imbecilidade aos olhos dos que passavam, com as pernas embrulhadas em meias de seda e a cabeça encafuada numa epótese de chapéu que o logista lhes vendeu por centenas de mil réis!

Novos-ricos sem eira nem beira cuspiendo insultos sobre os que teimosos em conservarem ainda um pouco de moral, fôram incapazes de falcaturar o pão alheio!

Esposas que conhecemos honestas, mães que a tradição apontava como exemplares, mostrando a barriga da perna no solavanco da galeira, numa sofreguidão de reclame!

Batoteiros com cadastro na polícia, guiando carruagens luzídias, insultando muita miséria por eles forjada apontando do alto da sua onipotência a polícia guardando-lhes as casas por ordem do governo!

E tudo isto misturado com muita lama, (como se a natureza compreendesse melhor do que ninguem a alcatifa a dar-lhes), muita porcaria, muito lodo patenteando bem a nossa decadência moral!

E nos teatros?

O mesmo, mangas de camisa pelos camarotes, tamancos pelas plateias, miséria por todos os cantos!

Que tristeza, que vergonha e que desalento para os que pretendem viver limpamente...

Também o que nos vale é que somos de um país de heróis e descobrimos o caminho para a Índia! Se não fôsse isso... eramos com certeza selvagens.

ENTREVISTA COM UM FUTURO DIRIGENTE

Procurando saber, como será, mais ou menos, dentro dalguns anos a sociedade portugueza, na opinião dos futuros dirigentes, procurámos um dos mais conceituados bolcheviques da nossa última sociedade (os últimos serão sempre os primeiros) o qual amavelmente accedeu aos nossos desejos.

Fomos recebidos no luxuoso gabinete, de 8 horas de trabalho do nosso entrevistado.

S. Ex.^a dava os últimos retoques na sua última obra, um par de botas que será exposto num dos nossos sapateiros, ao módico preço de 50 escudos. E foi ainda de sovela em punho que S. Ex.^a nos convidou a tomar assento p'ra o assunto, num dos confortáveis maples que decoravam o gabinete. E per-

guntando a nós mesmos, como havíamos de calçar aquê par de botas que êle tinha entre mãos, ouvimos as suas profeticas palavras.

Eis em resumo, o que nos disse o illustre futuro pai da pátria, por enquanto apenas filho da dita senhora:

—A classe trabalhadora — que nêsse tempo, como já hoje, se terá tornado antes uma classe trabalhadora para o resto da humanidade — será a classe preponderante.

—A sùciedade será em pouco tempo, toda ela filha de pais incognitos (e alcoolicos) filhos da Pátria chamados, devendo a Nação amamentá-los até á idade da razão, a qual se presumirá desde que o pupilo esteja apto para fabricar a primeira bomba.

O Estado deverá, para isso, manter o Instituto ou Repartição Superior das Pupilas Nacionais, a que todas as mulheres pertencerão, e para a qual está já indigitada como Directora Geral, uma senhora de côr escura e avançada idade, chamada D. Fernanda.

Essa Repartição terá por fim fomentar o desenvolvimento e manter o equilibrio da população. E daí sairão os homens de amanhã; d'amanhã ou depois... Será portanto assim o Estado, que oficialmente terá todos os dias numerosos bons sucessos.

Fará também parte desta Repartição, como perceptora e mentora espiritual dos neofitos, Micas Gouveia a conhecida e conceituada gaituna de forasteiros da nossa praça.

Dedicar-se há principalmente o Governo Sovietista, a sovar os burgueses.

Será para tal fim creada também

uma policia vermelha, com a qual a gente se vai ver azul.

E como nota final da nossa entrevista, (porque o espaço é pouco para detalhes) toubemos que o país será dirigido por um simples Conselho Supremo, pois que não haverá governo, visto nesta altura da civilização se ter chegado á conclusão bem fundamentada, de que quanto mais numerosas e complexas são as engrenagens governativas, mais os países parecem andar sem governo.

Estão até já apontados para fazer parte deste Conselho alguns dos futuros mentores da futura sociedade, entre outros o Chico Tezo, o Agarra, o Manuel Barbeiro, o Chico Funileiro, o Bota Abaixo e o Pés de Cómoda, todos criaturas altamente cotadas no Limoeiro, duma larga biografia... policial e dum alto espirito... de vinho.

AUGUSTOCUNHA.



CONCURSO DE CARICATURAS

AOS DESENHADORES! AOS ARTISTAS!

300 mil réis de prémios

Está aberto um concurso de caricaturas. Dada a índole do nosso jornal seria um crime não o fazer.

Aos ignorados, aos tímidos, está franqueada uma porta para a immortalidade!

CONDIÇÕES

Os desenhos devem vir para esta redacção, com um pseudónimo, morada e a respectiva legenda.

Não são admitidos assuntos políticos nem pornográficos.

O formato dos desenhos deve ir além de vinte e cinco por vinte e cinco.

Um jurí classificará os três melhores aos que caberão respectivamente.

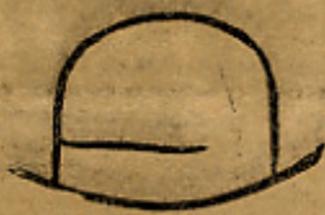
150 escudos — 100 escudos — 50 escudos.

Além destes premios todos os desenhos que estiverem capazes disso, serão publicados no *Riso da Vitória*.

Ao concurso Gavarnis ignorados!
Concorrei Forains de Portugal!

OS NOSSOS ARTISTAS

POR
Sanches de Castro



JORGE BARRADAS



STUART CARVALHAIS



ALMADA NEGREIROS



DIOGO MACEDO

O RISO DOS OUTROS



— Não faças tanto barulho que incomodas a lição de piano da nossa creada!

(Do «Rire» de Paris).

ESCAVAÇÕES SCIENTÍFICAS

PELO DOUTOR AMPOLA

O OVO

O ovo é uma temer da classe dos ovóides que nasce no fim das galinhas.

A sua forma é oval e partido ao meio parece a copa dum chapéu de côco.

Quem descobriu o ovo foi Cristóvam Colombo.

O ovo serve para fazer pintos, lavar a cabeça e deitar nas galinhas chôcas.

O ovo divide-se em trez partes: casca, clara e gema.

A casca é muito aproveitada para deitar fóra, a clara serve como o seu nome indica para aclarar a gema, e a gema serve para dar cor á clara.

As espécies de ovos mais conhecidas são:

Ovos estrelados, chamados assim porque quem os come vê as estrelas se lhes não assopra.

Ovos quentes que se comem sempre frios.

Ovos mexidos que são os únicos que estão quietos.

Ovos cozidos que servem para se comer crus.

Dos ovos também se fazem omelettes (epidemia que dá nas casas de pensão).

O ovo pode ser originario de vários animais sendo o mais raro o de pata por não se conhecer a pata que o poz, passadas vinte e quatro horas.

Com o auxilio do ovo faz-se o

pudim, microbio roedor de todas as contas de restaurant.

Em Portugal ha uma especie de ovos muito apreciada, que se chama Ovos moles de Aveiro, e que se vendem barricados em trez tostões cada um.

As mulheres que vendem ovos chamam-se ovarinas, e os homens óvrios.

A uma grande quantidade de ovos chama-se óvação e serve para manipular idiótas.

A fema do ovo é a óva que se applica á industria de fazer peixe.

O ovo por vezes degenera em pinto, animal cujo valor exacto é de 480 réis.

Quando uma galinha está de esperanças diz-se que está chôca e é então aproveitada para fazer sair população dos ovos.

Os ovos de galo não se aproveitam porque se partem com muita facilidade e não oferecem alimento.

Outra variante do ovo é a gemada, reconfortante de grande efeito nas noites passadas fóra de casa.

SECÇÃO DE ANÚNCIOS

COMPRAS E VENDAS

CAVALO, em bom estado de conservação, de boa boca, habi-

tuado a andar com uma mão só, ar, vende-se. Carta a D. José I—Terreiro do Paço.

MANIFESTAÇÕES, espontaneas, proprias para partir vidros e derubar governos, vendem-se, Ros-sio.

TABACO do Nacional, em onças e maços, vende-se qualquer porção em todos os Clubs de Lisboa, porque as tabacarias ganham mais com o estrangeiro.

CARTAS DE CURSO, da Faculdade de Sciencias da Politecnica, da Faculdade de Letras, vende-se grande porção a peso, propria para embulho. Dirigir carta ao Albergue de Lisboa.

REVOLUCIONARIO CIVIL, compra-se atestado, bem como varias bombas, para um anallabeto que precisa ser director geral. Carta ao «Evaristo das Saguessugas», sala B—Limoeiro.

PROCURAS E OFERTAS

MULHER A DIAS, precisa-se as noites para servir de papillon num Club. Não precisa levar escova nem esfregadeira.

GATUNO, precisa-se para gerente duma mercaria, que tenha pratica de roubar carteiras. Só se trata com o proprio.

PAI DE FAMILIA, com cinco filhos, vivendo apenas do seu ordenado de funcionario publico, oferece-se para groom duma casa de jogo.

CAPITALISTA, precisa-se com cem mil reis para, tratar negocio serio e de grande interesse para o país.

CAPITALISTA, ofere-re com oito mil contos, para casa de batota.

SENHORA, precisando mandar concertar um par de botas, deseja contrair emprestimo com cavalheiro respeitavel.

ACTRIZ, estúpida que nem uma porta, não tem voz nem geito para representar, oferece-se para estrela. Ordenado oitocentos mil reis por mês.

TRESPASSES

LUGAR NUM ELECTRICO, de Gomes Freire, trespassa-se por vinte mil reis.

QUINTO ANDAR NA BAIXA, precisa-se para garage até dez mil contos.

QUARTO, sem janela nem porta, nem mobilia, trespassa-se por duzentos mil reis.

MULHER, cavalheiro casado há tres anos, trespassa uma em boas condições.

BICHA DO AÇUCAR, trespassa-se o centésimo sexto lugar por quinhentos escudos.

AMOROSOS

ROSA AZUL. Muitas saudades... Não recebi carta... Ardo paixão. Bombeiro.

LAURA. Não vi toalha janela. Teu marido crença. Sexta-feira limpa. Jorge.

X 325. Impossivel hora local. Antes travessa. Fala só, beijos. Rosa Murcha.

CRONICA

O nosso operariado está radiante com a lei das oito horas de trabalho! Ora perguntarão os leitores: Porquê?

E nós explicamos: Porque tem mais tempo para mandriar, eis tudo!

Nesta terra, só se pode ser três coisas, ou gatuno com mais de trinta prisões, ou açambarcador com mais de cinco amigos no ministério, ou operário!

Os ladrões ou fazem sindicatos, ou vão para chefes de qualquer coisa, os açambarcadores ou se tornam donos d'isto ou se metem a ministros, o que é a mesma coisa, os operários, ou querem ser capitalistas ou não trabalham.

E nós, os que somos alcunhados de burgueses, nós os que temos família e nos acostumamos a andar de andar de camisa lavada e botas concertadas é que amargamos.

Os operários trabalham (?) oito horas e no fim da semana ganham cinquenta escudos.

Nós trabalhamos dezasseis e o ordenado não nos chega nem para a renda da casa!

O operário, pode faltar, mandriar, fazer greve, embriagar-se que se o patrão o despede vem logo o sindicato com todas as ganas e são mais quinhentos por cento sobre os salários que até treme Troia!

Nós, se um dia a *veia* emperra e não dá nada de gesto, apesar de toda a nossa boa vontade, somos postos a andar, sem mais palavra!

Que se juntem e ditem a sua vontade! Dizem.

Como pode a gente juntar-se se o aprendiz de sapateiro de hoje, é o director de amanhã, se o contínuo que agora nos vem chamar, é capaz de aparecer daqui a pouco arvorado em literato, senhor de todas as livrarias e imprensas!

Não! Isto só tem um remédio! Um grande remédio! O único! E' rebentar!

Isto tem que rebentar por força, e então, ou há moralidade, ou vai tudo para o fundo...

Os portugueses foram sempre tidos como um dos povos mais indelicados do mundo, mas na época actual parece que batemos o record.

Passar por uma rua de Lisboa, subir a um carro ou entrar numa loja, é tarefa para se fazer hoje ou de pistola na mão ou com uma paciência que toque o ponto inverossímil da cobardia humana.

Se passamos na rua do Ouro e é enção da direita, coice da esquerda, palavrão por cima má criação por todos os lados.

Vir com a família só com metralhadora, ir a um teatro só de Zeppelin!

Parece que há uma certa gala em ser-se malcriado, em largar uma bojarada, em parecer ordinário!

Nunca Lisboa teve tanta gente



como agora, mas nunca a má criação foi maior nem mais descarada! Mas é em tudo!

Nos cafés, os criados se nós não damos uma gorgeta taluda, pouco falta para nos baterem. Nos eléctricos temos que pedir desculpa aos senhores condutores de não poder-

mos andar a pé porque de contrário é certo um encontro e um epíteto que nos lêza a ascendência. nas lojas os caixeiros, se acordaram extremunhados ou estão mal dispostos é um louvar a Deus de respostas tortas que a gente até gagueja!

— Já viste como o Alfredo anda ben vestido?
— Pudera! A mãe dele anda agora a pedi-

Ainda ontem se passou o seguinte episódio. Entramos numa camiseria e tirando o chapéu perguntamos.

—V. ex.^a faz favor de me dizer de que preço são aquêles colarinhos!?

— São de duzentos mil réis!

FORTE...



CRONICA

Não havendo transportes as coisas ficam onde não fazem falta e faltam onde as há a menos e daí a carestia de tudo.

Mas o nosso governo, que nestas coisas de bom senso dá cartas em todos os países, resolveu o problema com uma clareza nunca vista!

Nas ilhas o assucar, o milho, a manteiga, a carne, etc., etc., apodrecia nas alfandegas por não haver barco que os conduzisse para o Continente, e vai daí o que fez o governo?

Mandou barcos buscar os géneros?

— Não senhor! Fez muito melhor!

Como sabia que havia nas Colónias 203 vadios fretou um paquete e foi lá buscá-los! Hein?!

Há alguma coisa a dizer a isto? E' ou não um grande empreendimento?!

Pois se Portugal é a terra dos ladrões e havia por cá tanta falta deles! Bravo seu governo! Isso é que é amor pela Pátria!...

... Estão aqui a perguntar ao lado se estará para rebentar outra revolução... Sempre há cada pergunta...



TRANSCRIÇÃO

A *Gazeta da Figueira*, que tem sido para nós de uma grande amabilidade, transcreveu um novo artigo do nosso quinzenário. Ao amavel semanário agradecemos penhorados a gentileza.



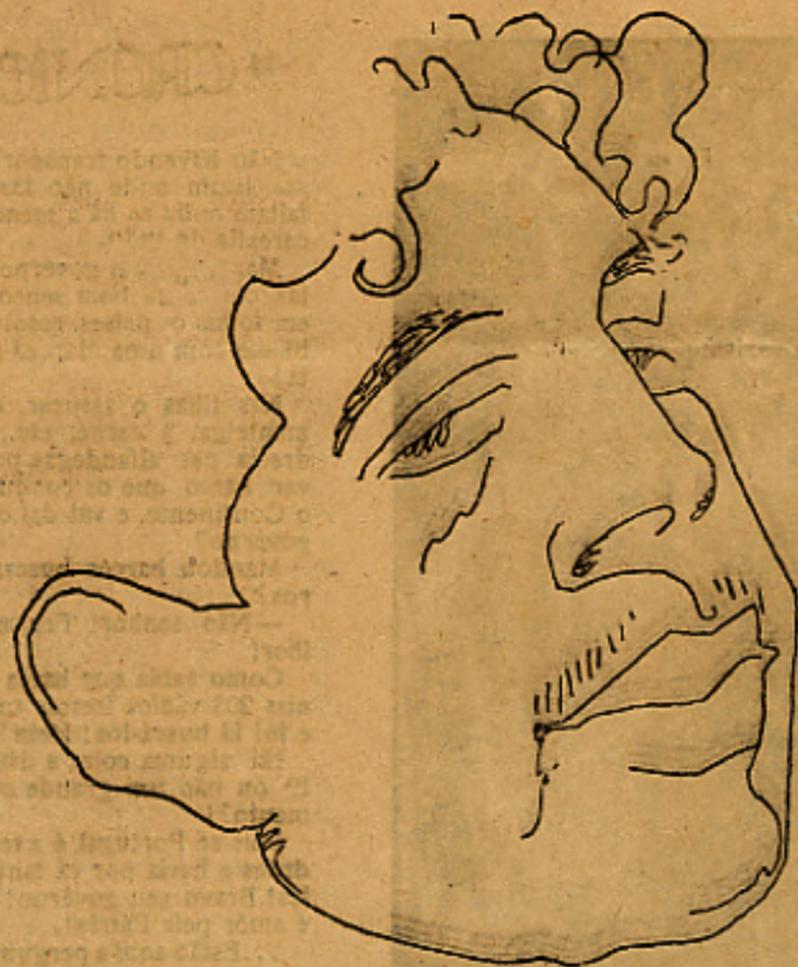
nda bem vestido!?
agora a pedir esmola na rua dos Capelistas!

— E não tem mais baratos?
— Não senhor! Isto aqui não é capelista!
— Peco desculpa a v. ex.^a se o ofendi, mas eu...
— Não quero saber disso! São duzentos mil réis já disse!

— Saiba v. ex.^a que para mim é muito caro!
— Então se é caro para você não use! E é andar que isto não é azilo!...
— Perfeitamente! Muito agradecido a v. ex.^a...

Dizem os que não tem nada que dizer, que uma das grandes razões da crise actual é a falta de transportes. Pode muito bem ser mas o que é verdade é que durante a guerra havia menos barcos, e quem nos dera a guerra outra vez! Bons tempos!

NO MESMO ESTILO...



X

ANTONIO PATRICIO

ÉLE (Em eco, como que falando dum paiz longiquo de sombras)

A tua voz é aza que vem cobrir os meus sonhos!

ELA (Dando-lhe a boca vermelha onde há restos de romã esmagada)

Toma minha vida! Bebe nos meus lábios o perfume do teu amor! Os teus braços são as bodas do meu cólo virgem!

ÉLE (Afastando-a brandamente, como desfolhando uma rosa)

É fóra de ti que eu te amo! Nos teus olhos vive apenas o crepúsculo e eu quizera viver só as primeiras horas! Inunda-me a espuma do teu corpo, mas o teu sorriso dá-me tristeza! Parece que o luar te vestiu e sinto-me tão distante da minha alma, que temo perdê-la!

ELA (Passando-lhe os dedos esguios pelo cabelo, numa carícia mística)

Deixa-me viver bem os teus olhos! Há restos de saudade nas tuas palpebras de seda! A minha boca é a taça da minha alma e é como se minha nunca fôsse!

ÉLE (Quasi louco, como vendo tudo distante)

As tuas palavras chegam até mim como atravez dum vitral! E há mar soluçando nos teus olhos, ó meu amor! Oiço as azas da tua alma ro-

çando a minha, mas os teus lábios vão beijar uma boca distante!

ELA (Mostrando-lhe o seio branco como um abrir de azas)

Há almas de jardins varando a minha carne! O teu olhar faz-me dezerta em mim, e não caír o meu pensamento dentro de ti!

ÉLE (Num repelão lívido, olhar suspenso no medo)

Não! Não! Há sombra nas tuas palavras! Ruge o mar no teu seio! Parece que o luar se enlutou em teus cabelos! Estás coberta de treva! Há medo nos teus beijos e a tua boca sangra a rosas mortas! Não! Não!

ELA (Voltando-se para o outro lado e puxando a roupa)

Ah, sim?! Então dorme, que o teu mal é sono!

Tem talento, mas se continua a escrever dá cabo do luar, acaba com os vitrais e exgota todas as flores e sombras. Parece ter uma agência de funerais, porque depois de fazer a trasladação da Inês de Castro, arma a câmara ardente de Santa Isabel, e prepara-se para fazer o enterro de D. Sebastião.

Damião & C.

Confecções para criança
Rua Garret, 57 e 59—teleph. 2940



TEATRO RAPIDO

A ETERNA MENTIRA

Drama de alta tensão a 440 «volts»

PERSONAGENS { O Conde Barbe Gris
A Condessa Barbe Grise
Um oficial de Dragões

A acção decorre em Paris, com apaches e Mr. Deschanez no poder

ACTO I

O Conde (á esposa)—Pois minha filha, não gosto nada destes cigarros marca Veado. São uma bodega.

A Condessa—Não admira. Tu não gostas de simbolos!...

O Conde (engasgado)—Que dizes? Ahn? Veado... simbolo... Exijo-te explicações formais dessa trase!

A Condessa—Ora vai-te despir! Estás sempre á deturpar as minhas palavras. (Ri-se para dentro).

O Conde (muito manso)—Desculpa, não passo dum idiota. Que pretendo eu de ti com a minha idade... (Aparte, virando-se para a parede). Efectivamente, sessenta anos já me pesam bastante.

A Condessa (afagando um Lulu)—Estou tão aborrecida! Sinto uns devaneios tão exquisitos que temo enlouquecer!

O Conde (avanzando para ela de braços abertos)—Mas...

A Condessa (pior que uma cobra)—Afaste-se, imbecil! Que pretende o senhor? Julga por acaso que nessa idade...

O Conde (chorando convulsivamente)—Que triste que é a minha vida!

A Condessa (muito arrelhiada)—Saia, não me apoquente com a sua presença! Preciso de estar só.

(Da um grito e cai sem sentidos, coitadinha)

O Conde sai de orelhas caídas.

ACTO II

Sobe o pano, caso ainda hajam espectadores.

O oficial de dragões entra por uma porta secreta.

Oficial (muito terno)—Estás só, meu anjo!

Condessa — Estou, sim, filho! Aproxima-te depressa! Sinto-me arder. Deixa-me arranhar nas cerdas do teu bigode. Beija-me com doçidade!

Oficial—(fazendo-lhe a vontade)—Como te amo! Que raio de ideia foi essa de casares com esse ginja do conde?

Condessa—Não vês que o gajo tem massa a valer? Que fazia eu com um pítia como tu? Seria sempre a modesta esposa dum oficial e nada mais. Não. Quiz ter palácios, joias, luxo, muito luxo. (Acende uma cigarrilha de luxo e cruza as pernas, á fadista, abraçando-o). E no fim de contas tu és o unico amor que tenho a consolar-me a vida.

Oficial (olhando para a porta)—

Oh! filha! vê lá não haja algum sa rilho... Se o conde entra...

Condessa—Deixa-te de medos. Põe-te á vontade e diz-me coisas!

(Nesta altura, apaga-se a luz, e após vinte minutos, baixa o pano para o 3.º acto.)

ACTO III

O conde entra, trazendo um copo de água. (Acende um fósforo e olhando para a esposa, deixa cair o copo que se parte com a maior naturalidade)—Que vejo! Minha mulher... e um oficial em mangas de camisa! (Põe os olhos e aproxima-se). Senhora condessa que significa isto?

A Condessa—Ora, que tolice! O senhor não teve outra ocasião de vir senão agora?

O Oficial—O senhor é um indiscreto! Retire-se!

O Conde (enrascado, coça a cabeça)—Mas então que paródia é esta? Quem é o senhor?

A Condessa—Quem é? Não vê? É o amante de sua esposa. Acha alguma coisa de extrardinário? É o resultado do senhor ser um marido libertino!

O Oficial (muito satisfeito da vida)—Sua esposa, sabendo que o senhor a atraçoava com as cocottes resolveu pagar-lhe na mesma moeda?

O Conde—Eu? Atraçoá-la, eu? Mas como?

A Condessa e o Oficial (em dueto)—Sei lá!

O Conde (que já assobia)—Mas sei eu! Miseravais, vão morrer!

(Puxa dum revólver Colt, calibre 12 mm., e pausadamente mata os dois, acabando por se suicidar)

Caem os três no meio do chão, a fingir que é fim mortos e acaba o drama. São 0 horas e treze minutos.

NIZA.

O RISO DA VITÓRIA

Publica toda a colaboração que lhe fór enviada nas seguintes condições:

- Deve ter graça.
- Ser escrita em português.
- Não ser pornográfica.
- Relativamente pequena.
- Não meter política.

Que sirva isto de aviso a todos quantos nos maçam com palermices.

UM ESCANDALO NA RUA DA PAZ OU

ZANGAM-SE AS COMADRES DESCOBREM-SE AS VERDADES

SÁTIRAS A UM MERCIEIRO

I
O mesmo deus concederam
A logistas e a ladrões.
Os gregos que o conceberam,
Lá tinham suas razões.

II
Dum logista a um ladrão
Vai diferença, bem sei.
Um rouba com a sanção,
E o outro fóra da lei.

III
Lentamente, lentamente,
Com ranços e margarina,
Tu envenenas mais gente
Que um doutor em medicina.

IV
Ó tu, que pões a gangrena
Neste pobre Portugal:
Tens a alma mais pequena
Que um queijo do Rabaçal!

V
É possível que não leias
Estes versos irritados.
Eu sei que só saboreias
A leitura... dos "fiados".

VI
Para todo o bom tendeiro,
A moral é letra morta.
"Quem não sabe ser caixeiro,
(É um dito) fecha a porta..

VII
Falsifica, meu sandeu!
Rouba, Judas triunfante!
Em tu morrendo, morreu
O "honrado comerciante".

BRAMÃO DE ALMEIDA.



—E a ela também, senhor guarda!
—Eu?—sentenciou o mantedor da ordem.—E' o prendes! Isto se calhar é bolchevismo disfarçado em mulherismo!...

LUIS DE SOUSA.

DE CACETE À ESQUINA...

Ensaio sobre um programa no ensino da historia

POR

JOSE OSORIO DE OLIVEIRA

Pretende o autor que a historia patria, tal como se administra nas nossas escolas, é coisa muito aquem do que deveria ser, e nisso estamos em completo accordo.

Rialmente é tempo de se acabar com a lenga-lenga das Aljubarrotas e dos Camões, e enveredar por um caminho mais amplo, estabelecendo comparações entre as historias dos diversos povos.

Mas, seguindo á risca a ideia apontada pelo auctor, o ensino nas escolas não podia ir alem de mil setecentos e tal, porque de então para cá, se entrarmos no campo da historia comparada, a gente vendo o que as outras nações tem feito e analisando o que nós fizemos, gritamos desalmadamente que nos pintem de preto e que nos mandem para o centro da Africa!

Tem o autor razão? Tem, mas é tal qual como se não tivesse, porque isto de Pátria e raças... é uma história!

JOÃO BAETA.

AS CAVEIRAS DE PAPEL DE SEDA AZUL

Grande film cinematográfico em seis episódios e doze partes

Segundo episódio

O pescador de etiquetas célebres

PRIMEIRA PARTE

Ton mal percebeu que a quadri-
lha dos Caveiras de papel de seda

azul, se tinha ausentado, faz um esforço e volta a si subitamente olhando disfarçadamente com pasmo a alegoria do ambiente em que se encontrava. Reconstitue precavidamente a scena, e corre logo pela escada abaixo em procura de Faustina.

Aquela desavença já datava de há muito. Desde que a visinha Júlia dera o pontapé no *carroço* por causa da sardinha, a D. Alzir nunca mais lhe tinha pedido um aminho de salsa, e não perdia ocasião de lhe largar uns ditos, já porque a escada não era esfregada, já porque os pequenos faziam arulho, já porque o Pires deixava a porta da rua aberta, sempre que entrava.

A D. Júlia, por sua vez depois de aquela scena do papagaio não perdia ensejo de atirar pedrinhas á barra da saia da D. Alzira quando duma vez apareceu a celebre *solga* á porta da Rosa, dorez-dochão, não pôz duvida em que o bruxedo tinha sido obra da vizinha.

Mas a guerra que já drava há bastante tempo, não pasava de umas tantas piadas, até de nessa manhã, o motivo do caixe do lixo foi o rastilho para reentear a contenda em toda a pujana.

—Quem você é sei e muito bem, sua porca!

—Porca será ela e ma toda a sua familia!

—O' sua atrevida, que m você que dizer aos meus pareres?

—São tão bons como vós! Sua... infeliz!

—Você atreve-se a chamar-me isso!! Tem que o provar o banco dos réus!

—E' capaz de negar quenquanto o seu homem andava nfábrica você metia lá em casa o lmem do talho?

—Eu!? A' sua desaverinhadal Você que tem o marido cn cabelo preto, e os filhos com cabelo louro, atreve-se a dizer is!

—Pois claro! Não julguete eu tenho o costume de estar escuta como você! Mas senti ma vez o homem do talho entrarme em casa!

—E eu quantas vezes vo Evaristo da Capelista subir escada em palmilhas de meias, sulelambida!

Os curiosos faziam cirlo em volta das duelistas sorrinc

A D. Alzira, puxando ombelos desgrenhados bufava, emanto a D. Júlia, afando e desatan as fitas do avental lhe atirava.

—O que você queria seu! E' que eu estivesse sempregul de braços abertos para lhe sustar o gato e lhe dar alpista paro passarinho, mas como aqui nãhá *ma-ma*, procura enredar-me em toda a gente!

—Eu!? Você é que foi dr para a Tenda que o meu hom fazia

todos os dias o almoço enquanto eu ficava na cama! Enquanto êle ensinou o seu papagaio a falar não dizia você isso! Mas a mim comem-me por tola é que não! A bem levam-me a toda a parte, mas a mal ninguem faz nada de mim!

—O' sua atrevida, você é capaz de dizer que Deus não é Deus! Então quando você uma vez veiu a minha casa por causa das cólicas do seu filho não teve vergonha de estar em trajes menores ao pé do meu homem, e agora diz que eu sou intriguista!

—E' onde pôde chegar o descarramento! Mas o meu marido lhe tomará contas!

—Diga-lhe primeiro para vestir umas saias, e que venha depois falar comigo!

—Está mal enganada que êle não é desses! Isso é bom lá para o seu, que... deixa-me calar que é melhor!

—Que tem você que dizer ao meu marido!? Deve-lhe alguma coisa?

—A mim quem me suja não me limpa!

A visinhança assistia enbevecida ao espectáculo, até que alguem alvitrou o chamamento dum polfcia que viesse pôr cõbro á questão.

—Olhe, sabe que mais?... eu não discuto com regateiras!

—Nem eu com mulheres de pouco mais ou menos!

—Ha-de provar isso! O' da guarda! Sua grande mulher sem vergonha!

—Ah! você insulta-me?! O' da guarda! Ha-de provar que eu não tenho vergonha!

—Sua ladra que foi empenhar a roupa do hospede! O' da guarda!

—Sua grande atrevida que embruxou o homem do talho! O' da guarda!

Não havia forma de aparecer um polfcia.

Por fim, um que estava lá para o fim da rua, depois de lhe terem jurado que as mulheres não estavam armadas é que se atreveu a presenciar a questão.

—O' senhor guarda! Esta mulher vai presa á minha ordem!

—O' senhor empregado, essa figurona, chamou-me palavras obscenas, prenda-a senhor empregado!

—Você é que me insultou! Estão aqui estas testemunhas!

—Fci ela que disse que o meu marido era ladrão! Estão aqui estas pessoas que ouviram!

—Não seja má mulher, sua atrevida que eu perco o respeito á farda dêste homem e parto-lhe a caral!

—Experimente se é capaz! Sempre gostava de ver!

—Prenda-me esta mulher senhor

AO QUE CHEGAMOS...



- Não sei quem possa fumar cigarros tão ordinários!

Chega á rua e não vê ninguém. Procura um indício por onde possa gular o conteúdo das botas mas deixa cair o cérebro desalentado. Nada! Um polícia aproxima-se e bate-lhe no hombro.

—O cidadão anda a vêr o panorama?

—Não senhor!

—Perdeu alguma coisa?

—Perdi a minha noiva!

—Diga-me os seus sinais particulares.

—Vestia de mulher, usava ligas cor de rosa e carregava nos r r!

—Já sei! Deve ser uma *seresma* que ia numa bicicleta com um individuo! Foram para os lados da ponte electro-galvanizada!

Ton dá um encontrão no polícia e abala a correr na direcção da ponte. Policarpo, sempre com Faustina em charola pedála desabridamente já perto da ponte electrica galvanizada.

Faustina debate-se com heróicidade pretendendo morder os pneumáticos da bicicleta.

Tom aparece ao longe correndo sobre as pernas e num momento está a poucos metros do grupo.

Policarpo, vendo que é perseguido, range os olhos de indignação, franze as sobrancelhas e num esforço sobre a sua especie dá um grito, atira com a máquina para cima da ponte e carregando um botão do casaco estabelece o contacto com a fábrica geradora.

Ton, mal aconselhado, põe um pé sobre a ponte fatal e recebe uma descarga electrica de tal ordem que assobia o hino da Restauração.

Policarpo, com Faustina nos braços, ri com prazer, no meio das faíscas, sem lhe acontecer mal algum por que trás solas de borra-cha.

Fim da 1.ª parte

SEGUNDA PARTE

O banqueiro Souto-Menor no seu escritório dita um officio a um rapaz que lhe appareceu sem emprego.

O secretário vem dizer a Souto-Menor que são horas do almoço e é então que o banqueiro se lembra que a sua filha Faustina não apparece em casa há três dias.

Como um mentecapeto Souto-Menor uiva de raiva, porque julga que Faustina anda pelos Clubs, e, dando um salto mortal dirige-se ao telefone.

Passa-se uma porção de anos sem que alguém lhe responda. Já os cabelos pretos estão prestes a desaparecer, quando um garoto dos jornais, entra esbaforido, gritando a Souto-Menor que a filha está preza dos «Caveiras de papel de Seda».

Souto-Menor sai como um doído indo encontrar no rio um velhote pescando á linha. O banqueiro dirige-se a ele e pergunta-lhe se viu uma rapariga bem parecida. O pescador diz que não, que está ali pescando etiquetas para um bazar de caridade e Souto-Menor continua correndo. Já está proximo da Ponte-Elctrica quando tropeça em Ton. Este ao ver-se acordado, conta ao banqueiro a partida de Poli-

carpo e abos começam procurando um pico de serradura.

Alenta-se e avançam pela ponte já sem rir aos choques.

Ton dige-se a Policarpo e vai para lheedicar um soco, quando o bandic escapando o corpo deita o mão achinó de Souto-Menor e atira-se uma vez para dentro d'água. Fatino volta a si e pratica varias iecencias com Ton, mas Souto-Mor faz-lhe saber que não é tempoara isso, pois que Policarpo lixoubou o chinó e que no dito chil é que o banqueiro guardava a eve do cofre forte.

Todoscam llazes de espanto e contanduma... duas... e três, atiram-sao rio em procura do Policarpo

im da 2.ª parte

Sou Menor conseguirá haver o indó? Policarpo morreu ou sabnadar? Faustina levou boias? O proximo episodio saberem